

A UNIFICAÇÃO DA CATEGORIA

Início de um novo tempo, com resgate da dignidade dos trabalhadores de bancos públicos e privados, agora juntos em uma só luta: a de toda categoria bancária

Esta é a sexta publicação da *Folha Bancária Especial* a resgatar os 90 anos de trajetória do Sindicato, com o mesmo visual utilizado no início dos anos 2000, período retratado nesta edição, que vai de 2003 ao início de 2010. O momento histórico é marcado pela chegada do metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República, episódio fundamental para compreender o novo contexto que se abriu ao sindicalismo bancário.

A conjuntura política que se estabeleceria no país era o oposto do modelo neoliberal até então vigente. Por meio de uma série de medidas, o novo governo retomou o crescimento do país, fomentou a geração de empregos, o aumento da renda dos trabalhadores, além de reduzir a pobreza e a desigualdade social.

Num governo baseado em ampla coalizão de forças, o movimento sindical tinha clareza de que conquistas não ocorreriam automaticamente, mas com a capacidade dos trabalhadores de se organizar para a luta.

Com essa convicção, os bancários iniciaram a campanha salarial de 2003. O movimento sindical passou a ser respeitado e recebido em negociação. Após anos de separação, a categoria se engajou em um grande movimento pela aplicação integral da Convenção Coletiva de Trabalho (CCT) a todos os bancários do país. Rompendo uma década de desintegrações, bancários de bancos públicos e privados conquistaram o mesmo reajuste, abono e regra básica da PLR acordados com a Fenaban.

No ano seguinte, as direções do BB e da Caixa passaram a respeitar as cláusulas econômicas firmadas na CCT. Isso permitiu aos bancários organizar uma campanha nacional e unificada, retomando as grandes mobilizações de massa como não se via há anos.

Em 14 de setembro de 2004, os bancários de instituições públicas e privadas entraram em greve, iniciando a primeira mobilização unificada desde 1993. Ainda bastante vinculada à cultura do abono salarial, a categoria avaliou que os banqueiros poderiam oferecer mais do que o intenso processo de negociação havia extraído dos bancos.

Após 30 dias, seguindo a orientação da Executiva Nacional dos Bancários, os funcionários decidiram voltar ao trabalho. Todos obtiveram aumento salarial real, valorização do piso e a PLR previstos na proposta inicial, mais um vale-alimentação extra de R\$ 700 aos bancários de

bancos privados e R\$ 1.000 de abono aos trabalhadores de bancos públicos.

A retomada da mobilização de massa possibilitou a conquista de aumento real de salário a cada ano, além da importante consolidação do entendimento de que as condições de trabalho precisavam melhorar. O Sindicato combateu intensamente o assédio moral e as metas abusivas, buscando preservar a saúde dos bancários, além de ampliar a atuação no que diz respeito à luta por igualdade de oportunidades, independentemente de gênero, raça, orientação sexual ou deficiência.

Lula é reeleito – A vitória de Lula nas eleições presidenciais de 2006 confirmava as expectativas dos trabalhadores de garantir mais quatro anos de um governo que os respeitasse.

Os bancários, por sua vez, intensificaram a luta contra o processo de terceirizações e a rotatividade no setor. Além disso, tiveram de travar intensas mobilizações nas fusões que ocorreram no período, resultando, em alguns casos, em milhares de demissões (*leia no quadro*).

Crise financeira – Em 2008, o Sindicato e outras entidades ligadas à CUT apresentaram ao governo propostas para minimizar os possíveis efeitos da crise mundial sobre os trabalhadores. A política de valorização do salário mínimo, a diminuição da taxa básica de juros (Selic), a queda do *spread* e a redução temporária de tributos, fizeram com que os efeitos fossem bem menos devastadores do que em outros países.

No caso dos bancários, apesar do crescimento da economia brasileira e da conquista de aumentos reais de salário nos acordos firmados no primeiro semestre de 2008, muitos banqueiros sugeriam que a crise financeira mundial interromperia a trajetória de conquistas dos anos anteriores. A categoria não permitiu. Em 7 de outubro, foi deflagrada greve, que resultou na conquista de aumento real de salário pelo quinto ano consecutivo, além da alteração, em CCT, da regra básica da PLR.

Para os bancários, a lição do período era clara: mesmo diante de um governo favorável aos trabalhadores, novas conquistas só viriam com amplas e diversificadas lutas. Foi com esse entendimento que a categoria iniciou 2010, fechando um ciclo que se encerraria com o final do segundo mandato de Lula e a eleição de sua sucessora, Dilma Rousseff.



Com novo governo democrático e popular, movimento sindical bancário retoma luta de massa



Protesto contra demissões no Santander



Casamento lúdico contra fusão do Itaú e Unibanco



Bancários abraçam sede da Nossa Caixa

FUSÕES E AQUISIÇÕES

Quase sempre as incorporações no setor financeiro significaram grandes lucros para os bancos e demissões para os trabalhadores. Essa lógica injusta e perversa foi o que motivou a mobilização do Sindicato na luta contra as consequências das privatizações, especialmente no que diz respeito à redução de postos de trabalho.

A partir dos anos 1990, o Sistema Financeiro Nacional passou por uma reorganização marcada por diversas fusões e aquisições. O processo deslançou com a primeira edição, em 1995, do Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional (Proer), do governo de Fernando Henrique Cardoso, que funcionou como um mecanismo de garantia da sobrevivência de bancos privados com problemas de caixa.

Após essas alterações e a histórica venda do Banespa, em 2000, o Sindicato colocou-se como protagonista da luta contra as privatizações e fusões no setor. E assim aconteceu quando o Santander comprou o ABN-Real; o Itaú adquiriu o Unibanco; e o Banco do Brasil incorporou a Nossa Caixa.

No caso do último banco público do estado de São Paulo, a perda só não foi pior graças à forte atuação do Sindicato junto ao governo federal. A Nossa Caixa escapou da privatização, sendo incorporada pelo Banco do Brasil, uma vitória importante para os bancários.

Já no caso das aquisições feitas pelo Santander e Itaú, apesar da luta permanente do Sindicato, as demissões nesses bancos refletem ainda a falta de compromisso dessas instituições com o emprego bancário e com a função social que deve exercer o sistema financeiro nacional em prol do desenvolvimento do país.



FORTALECENDO A DEMOCRACIA

Linha do Tempo (2003-2010)

O início de um novo tempo para o movimento sindical bancário e para a história do Brasil é marcado pela chegada de Lula à Presidência da República em 2003. O período, que se estende até o início de 2010, é retratado na linha do tempo desta sexta edição especial em comemoração aos 90 anos do Sindicato. O contexto que se abriu para os trabalhadores foi o oposto da década anterior: o arrocho da fase neoliberal foi substituído por aumento real de salário. Os bancários não passaram nenhum ano sem ter aumento acima da inflação. Isso porque, além do novo cenário econômico brasileiro, as conquistas do período basearam-se em amplas e diversificadas lutas da categoria, que retomou as mobilizações de massa e unificou funcionários de bancos públicos e privados em uma só luta.

2003
O operário Luiz Inácio Lula da Silva toma posse na Presidência da República e recebe a faixa presidencial



2004
Foi o ano da conquista de aumento salarial acima da inflação, que passou a se repetir nos anos seguintes. Na foto, bancários decidem pela greve que durou 30 dias



2005

Com o fortalecimento das mobilizações, os bancos ampliaram o recurso aos interditos proibitórios, aumentando a repressão aos trabalhadores e tentando ferir o direito de greve. Mesmo assim, a paralisação deste ano foi vitoriosa. Além de aumento real, BB assinou pela primeira vez a CCT da categoria. Empregados da Caixa conquistaram equiparação do valor da cesta-alimentação da CCT



2007

O Sindicato participou ativamente da campanha organizada pela CUT para reivindicar a manutenção do veto de Lula à Emenda 3, aprovada pelo Congresso Nacional. O projeto precarizava as formas de contratação de trabalho. No mesmo ano, durante a 4ª Marcha da Classe Trabalhadora, bancários e outras categorias estiveram em Brasília para pressionar pela ratificação da Convenção 158 da OIT, que coíbe a demissão imotivada



2009

Como resultado da intensa greve da categoria, são conquistados: licença-maternidade de 180 dias, mudança no modelo de cálculo da PLR e melhoria da parcela adicional, inclusão dos parceiros de mesmo sexo nos planos de saúde e programa de reabilitação profissional. No mesmo ano, a forte atuação do Sindicato junto ao governo federal – intensificada em 2007 após o governador José Serra sinalizar interesse pela privatização da Nossa Caixa –, garante a incorporação da instituição estadual pelo Banco do Brasil, assegurando a vitória dos bancários na defesa do patrimônio público



2003
É assinado um acordo entre BB e CNB reconhecendo os sindicatos e a confederação como representantes dos funcionários. Após greve, bancários dos bancos públicos conquistaram a mesma PLR e reajuste salarial dos privados. Na foto, assembleia na Quadra do Sindicato dá dimensão da retomada das mobilizações de massa, sufocadas no período neoliberal

2004

O Sindicato, junto com a CUT e outras centrais, participou da Marcha sobre Brasília pela elevação do salário mínimo (foto). A mobilização foi exitosa e levou à conquista de aumento real, elevando o piso oficial para R\$ 300 e a correção em 10% da tabela do imposto de renda. De 2005 a 2009, novas marchas foram realizadas por uma política de recuperação do salário mínimo, com reposição integral das perdas inflacionárias e aumento real baseado no crescimento do PIB



2006

Em janeiro, é criada a Contraf-CUT, que passou a representar a categoria em âmbito nacional, dando continuidade aos trabalhos dos extintos DNB e CNB. Após greve, os bancários conquistam valor adicional de PLR e um grupo de trabalho para debater assédio moral. Pela primeira vez, a Caixa Federal assina a CCT



2007

Bancários conquistam a 13ª cesta-alimentação. Em dezembro, o Santander adquire o ABN-Real. No mesmo ano, o Sindicato cria o projeto CineB para levar o cinema nacional à população carente (foto à esq.)

2008

Banqueiros levam a greve aos tribunais e o Sindicato protesta em frente ao TRT. Após 11 anos, obteve-se a alteração da regra básica da PLR: de 80% do salário passou-se aos 90% e o teto mudou de 2 para 2,2 salários



2008

Estourou a crise hipotecária nos Estados Unidos. A falência do quarto maior banco do mundo, o Lehman Brothers, no dia 15 de setembro, tornou-se o símbolo de um colapso econômico mundial que já dura cinco anos. Na foto, bancários saem às ruas para reafirmar que os trabalhadores não pagariam a conta da crise. Em dezembro, o Itaú anunciou a fusão com o Unibanco

2010
Era o último ano do mandato do presidente Lula, que tentaria eleger uma sucessora para dar continuidade ao projeto de governo democrático e popular. Após oito anos, os bancários chegaram à conclusão de que foi bem sucedida a luta da categoria em um cenário no qual o espaço para organizações e mobilizações dos trabalhadores havia sido ampliado



PERFIL

Do escriturário, do caixa, do comissionado, do gerente, de todos os trabalhadores

Em 2013, completo 33 anos. E mesmo me considerando bem jovem já presenciei muita coisa. Algumas definitivamente marcantes. Recordo, como se fosse ontem, do debate entre dois "Luizes", que representavam, no início dos anos 1980, parte do passado, do presente e do futuro de uma nação. Naquela ocasião, Luiz Carlos Prestes, revolucionário do início e meados do século passado, e um tal Luiz Inácio, sindicalista e ex-peão de fábrica, deram uma verdadeira aula de história (foto). Todos, e olha que tinha muita gente, saboreavam cada palavra dita por eles. Após aquele encontro, passei a ter a sensação de que as coisas ocorriam com muita rapidez.

Nos anos 1980, tive a oportunidade de assistir às apresentações de artistas como Lô Borges, Belchior e Ed Motta. Também tive um cara de cavanhaque e óculos escuro, um maluco beleza, subindo ao palco ao lado de outro doido, chamado Marcelo Nova, num show de rock de arrear. Nem sequer podia supor que aquela apresentação, em 26 de novembro de 1988, seria uma das últimas de Raul Seixas, morto no ano seguinte. Nessas três décadas, vi um pouco de tudo: festa junina com o "quadrilheiro" Mário Zan, o Trio Virgolino, a sambista Leci Brandão, grupos de pagode como o Negritude Júnior, e bandas de rock nacional como o Ira! e o

Ultraje a Rigor (foto). Também presenciei lances emocionantes em disputadíssimas partidas de truco. Goleadas históricas em jogos de futebol de salão. E bancários se divertindo a valer em memoráveis festas do chope e aniversários do Sindicato. Também presenciei encontro anual da presidenta Dilma Rousseff com catadores de materiais recicláveis, iniciativa de seu antecessor, Lula – aquele mesmo metalúrgico que debateu com Prestes e conseguiu ser o primeiro representante da classe trabalhadora a ocupar a Presidência da República. Integrantes de movimentos populares, como o MST (Movimento dos Trabalhadores Sem

Terra), nos anos 1990, também acamparam em minhas dependências para sair em passeatas – eles faziam uma fila indiana interminável nas ruas da cidade – e ajudar a categoria bancária na greve. Outros momentos marcantes foram reservados às assembleias dos bancários. Vi muitas greves vitoriosas começarem aqui. Uma delas foi emblemática, quando os banespanios pararam não por reajuste salarial, mas em defesa do maior banco público estadual do país: o Banespa. Após resistência de cerca de seis anos, o banco foi vendido e, no dia do leilão (20 de novembro de 2000), nessa grande assembleia, centenas de bancários cantaram

o Hino Nacional. E num brado "Verás que um filho teu não foge à luta", foram às ruas de cabeça erguida e se mantiveram unidos na defesa de seus empregos e direitos, dessa vez contra o Santander que adquirira o banco público. Em outra assembleia, vi rostos felizes de bancários do Banco do Brasil, em julho de 2003, ao encerrarem processo trabalhista que durou quase 30 anos. E não é que aquele peão de fábrica, barbudo e sindicalista, voltou a ser assunto? Engraçado como de tempos em tempos ele se confunde com minha história. Dessa vez, Lula foi capa da primeira edição de uma publicação que surgiu para contar a história dos trabalhadores pelos traba-

lhadores, a Revista do Brasil. Pois é, também tenho esse orgulho de ter presenciado o lançamento da RdB em 2006 (foto). E na comemoração dos 90 anos do Sindicato, no dia 16 de abril de 2013, ele não poderia faltar. Lula, mais uma vez, marcou minha história. Além do discurso emocionante, foi o primeiro a aderir ao abaixo-assinado de iniciativa popular que pede por reforma política no país. Sou o Centro Sindical Bancário, os mais chegados me chamam de Quadra dos Bancários.

Mas, desde que ouvi elogios de um dirigente sindical em outra assembleia, prefiro que me chamem de a Casa do Bancário. Ele falou mais ou menos assim: "Essa é a nossa casa. É um lugar simples, humilde, mas é a nossa casa. O lar do escriturário, do caixa, do gerente, do comissionado, de todos os bancários para decidirem no debate franco e democrático os destinos da categoria." Quando puder venha me conhecer, em especial se for em uma assembleia. Estou bem perto do metrô Sé, na Rua Tabatinguera, 192.

O Centro Sindical Bancário foi adquirido no dia 11 de abril de 1980, na gestão do então presidente do Sindicato Augusto Campos. O evento inaugural reuniu Luiz Carlos Prestes e Luiz Inácio Lula da Silva. São 2.758 m² de área construída, nos quais constam quadra, salas, auditório e estacionamento.



HISTÓRIA

A COMPRA DO MARTINELLI



“Vi em um jornal o edital do Banco Itaú: imóveis à venda, leilão dia tal, prédio Martinelli. Em 1991, tentamos comprar outro prédio, que era do banco Bradesco. Mas para assinar o financiamento, que seria feito por meio da Caixa Econômica Federal, colocaram como condição a assinatura do documento durante uma cerimônia com o presidente da República, que era o Fernando Collor de Mello. Como fazíamos oposição ao Collor, recusamos participar, não assinamos e o negócio foi desfeito. E foi aí que surgiu essa venda pelo Itaú e compramos o Martinelli num financiamento de 10, 15 anos.”

O DIA EM QUE O BANESPA FOI VENDIDO



“Dirigindo-me à Quadra dos Bancários pensava o que falaria para aquelas pessoas, cerca de duas mil. Não esqueço. Disse que estávamos indo para o Santander, mas que não poderíamos esquecer nossa cultura de resistência para podermos continuar a defender nossos empregos e direitos. E foi isso que ocorreu, essa cultura dos banespianos prolongou a resistência após a privatização. FHC só conseguiu privatizá-lo porque mudou uma lei (8.666). Caso contrário, não teria feito.”

A PRESIDÊNCIA E A TRANSIÇÃO



“Entre 1992 e 2002, a partir do Itamar Franco, os governos vieram com tudo para cima dos trabalhadores. Era pancada todo dia. Em especial entre 1998 e 2002, quando FHC fez tudo o que pode contra nós. Em 2003, quando as coisas começaram a entrar em nova fase, foi o momento de eu sair da presidência do Sindicato. E, em 2004, o Luiz Cláudio assumiu em um momento muito difícil. Era um momento em que as pessoas queriam tudo e o que fosse menos que tudo para eles não era nada. Mas depois as coisas começaram a entrar no lugar.”

ENTREVISTA

Da resistência ao governo popular

Militante bancário desde a retomada do Sindicato, Vaccari conduziu a entidade nos tempos difíceis do neoliberalismo até o Brasil mudar com um trabalhador na Presidência da República



Vaccari discursa durante campanha salarial de 1998

Maio de 1978. A oposição bancária se organizava para uma greve em meio à ditadura e João Vaccari Neto passou no concurso para trabalhar como escriturário no Banespa, situado à época na Praça do Patriarca. Aos 19 anos tinha deixado sua cidade, Lucélia, região do centro-oeste paulista, para trabalhar na capital.

“Assim que entrei na agência conheci inúmeros militantes resistentes à ditadura militar. Eu já gostava desse embate político. Então veio a convivência com eles, os debates em assembleias e a luta para tirar a pelegada do Sindicato”, lembra, ao destacar que já em 1978 participou do processo junto à oposição para conquistar o Sindicato, conhecido na história da entidade como “a retomada”.

“Na apuração de 1979 tínhamos medo de que os pelegos apagassem a luz e compramos lâmpadas. Lembro da assembleia na Casa de Portugal, com mais de três mil pessoas, das quais 90% nos apoiavam. Conseguimos trocar a mesa que conduziria a assembleia, o que na prática destituía a diretoria do Sindicato na época”, relata.

Com a posse da oposição em 1979, Vaccari entrou definitivamente para a militância sindical. Participou da fundação da CUT — onde foi tesoureiro, secretário-geral, secretário de Relações Internacionais e vice-presidente — e do Partido dos Trabalhadores (PT). Presidiu o Dieese (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos) de 1989 a 1990.

No Sindicato, Vaccari assumiu interinamente a presidência em 1998, cargo para o qual foi eleito em 2000 e ocupou até 2004. Atualmente, é secretário de Planejamento e Finanças do PT. “Faço o que faço porque gosto da militância e do debate político com os trabalhadores.”

Como você chegou à presidência do Sindicato?

Quando a diretoria foi deposta em 1983 eu era o tesoureiro do grupo de resistência para manter a luta. Organizava rifas para conseguir dinheiro. Quando houve a eleição de 1985 entrei para a diretoria como tesoureiro. Depois, entre 1988 e 1991, fiquei fora da chapa e passei a organizar os bancários nacionalmente. Em 1991, voltei e fui para a CUT em 1994, onde também fui tesoureiro. Em 1998, o Luiz Gushiken encerrava seu mandato de deputado federal, o Ricardo Berzoini (presidente do Sindicato entre 1994 e 1998) acabara de se eleger para o parlamento e me convidou para assumir a presidência.

Como foi a resistência contra a privatização do Banespa?

A defesa do Banespa foi decorrente de várias lutas que o Sindicato e a CUT travaram contra a política de Fernando Henrique Cardoso, como a reforma da Previdência; a privatização da Vale do Rio Doce e da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional); a retirada de direitos dos trabalhadores; a entrega da economia ao capital internacional na mais completa subserviência ao mercado mundial. E o Banespa estava dentro dessa política de privatização.

O governo havia incluído a entrega do banco em uma das cartas de intenção do Fundo Monetário Internacional (FMI) e também no Plano Nacional de Desestatização. No entanto, existia um bloco muito resistente em defesa do banco, com entidades organizadas, personalidades e funcionários mobilizados. Ninguem queria a privatização do Banespa, tanto é que o governador Mário Covas (1995-2001) tinha o compromisso conosco de não privatizar.



FHC disse ao Covas que, para ficar com o banco, o estado tinha de pagar R\$ 15 bilhões, sendo que na avaliação de mercado valia R\$ 3 bilhões. Depois foi vendido ao Santander por R\$ 7 bi. O Covas nos chamou para uma reunião e disse que o governo não tinha como suportar um gasto de R\$ 15 bi. Depois mudamos o foco e passamos um novo período de enfrentamento com o Santander. Ao todo essa luta durou mais de dez anos incluindo a defesa do Banespa e posteriormente dos trabalhadores do Santander.

É possível fazer um paralelo entre a década de 1990 e os dias atuais?

Nos anos 1990 era uma política de resistência para defender o que tínhamos, pois era um ataque muito forte aos direitos adquiridos. Não havia muito tempo de se colocar nada propositivo. Depois, a partir de 2003, com a geração de mais empregos e a estabilização da economia, o espaço é aberto para discutir outros assuntos, o que até então não era possível, como a questão do assédio moral, da política para as mulheres, além de outros direitos.

No período de FHC, a Caixa Federal era dirigida pelo pessoal do PFL (hoje DEM) e não tinha conversa, eles simplesmente não reconheciam o Sindicato e não

queriam negociar. O Banco do Brasil estava nas mãos do PSDB e só negociava com a Contec, da qual não fazíamos parte, pois tínhamos criado recentemente a Confederação Nacional dos Bancários (a CNB, que representava, de fato, 80% dos bancários).

Com o Lula, as centrais sindicais passaram a ser reconhecidas e houve o reconhecimento do Sindicato pelos bancos federais, que passaram a integrar a mesa única de negociação com a Fenaban. Em 2004, o Contrato Coletivo de Trabalho (CCT) passou a proteger a todos. Se você fecha um acordo o banco tem de seguir o índice.

Quais as principais conquistas dos bancários nesses anos em que você acompanhou a luta do Sindicato?

A organização no local de trabalho e o fim das intervenções nos sindicatos. No que se refere à categoria bancária, foi a CCT nacional, um instrumento que evita a guerra fiscal, pois tanto o bancário do Piauí quanto do Rio Grande do Sul têm os mesmos direitos. Em outros setores, uma empresa pode decidir mudar de local para economizar com salários. A partir da CCT, os bancos podem ir para qualquer lugar que os bancários têm os mesmos direitos.